

## **Formação Escolar de Cooperados e o Processo de Incubação de Cooperativas Populares no Cabula e Entorno**

Ana Celeste da Cruz David  
Doutora em Difusão do Conhecimento  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
*E.mail:* cruzdavid@uol.com.br

### **Resumo**

O objetivo deste artigo é refletir sobre as possibilidades de relacionamento entre a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/UNEB) e as escolas de educação básica na região do Cabula e entorno. As ITCP são entidades de apoio à formação de Empreendimentos Econômicos Solidários (EES), em geral ligados a universidades e organizadas de forma interdisciplinar. A pesquisa tem como metodologia a análise qualitativa e na abordagem a multirreferencialidade. Como resultados aponta-se o distanciamento entre a ITCP/UNEB e as escolas de educação básica na região do Cabula e entorno e vislumbra-se as possibilidades deste relacionamento como elemento potencializador do processo educativo de incubação de cooperativas populares e na ampliação da escolarização formal dos cooperantes.

**Palavras-chave:** Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares. Cabula. Economia Solidária.

### **Introdução**

Este artigo apresenta reflexões levantadas a partir da pesquisa Difusão do Conhecimento: formação acadêmica e profissional de técnicos, estagiários e cooperantes da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares ITCP/UNEB, inserida no programa de Pós-Graduação Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMDC) vinculada à linha de pesquisa Difusão do Conhecimento: informação, comunicação e gestão com a proposta de compreender processos de difusão do conhecimento.

De que forma a difusão de conhecimentos na ITCP/UNEB se reflete na formação acadêmica e profissional de técnicos, estagiários e cooperantes? Foi a questão central investigada. Trabalhamos no sentido de responder as questões norteadoras: 1) Em que condições a ITCP/UNEB opera a difusão de conhecimentos? 2) Como a equipe técnica significa sua formação acadêmica e profissional mediante a atuação na ITCP/UNEB? 3) Como a atuação

como estagiário na ITCP/UNEB influencia na formação acadêmica e profissional do aluno egresso? 4) De que forma a incubação de cooperativas populares influencia na formação profissional e de escolaridade formal dos cooperados? Neste artigo vamos tratar especificamente dos resultados alcançados em resposta a quarta questão: De que forma a incubação de cooperativas populares influencia na formação profissional e de escolaridade formal dos cooperados? A abordagem metodológica foi qualitativa e utilizamos como instrumento de coleta de dados a entrevista, o questionário, a pesquisa de campo e a observação flutuante.

Durante a pesquisa notamos ausências ou silêncios em relação a temas contemporâneos como as questões de gênero e etnia tanto nos documentos e projetos, como nos relatórios produzidos pela ITCP/UNEB. Parece-nos que com a prioridade voltada para a organização das cooperativas em torno da viabilidade econômica e dos aspectos contábeis e legais, outros temas não receberam a devida atenção. Incluímos nesta observação as questões ligadas ao processo de escolarização formal dos cooperantes com destaque para a alfabetização de adultos e letramento. Esses aspectos mesmo sendo reconhecidos pela ITCP/UNEB como fundamental na formação das cooperativas populares não tiveram o apoio necessário na implantação de ações dedicadas a esse enfoque, quer por parte da própria equipe quer por parte de seus colaboradores. Ao não associar a formação para o cooperativismo à escolaridade formal dos cooperados a ITCP/UNEB expõe dois elementos significativos o primeiro em relação a distância que existe entre a extensão universitária e a educação básica, o segundo referente a dificuldade indicada na pesquisa de articulação com a área educacional dentro da própria universidade. Trataremos aqui das possibilidades de relacionamento entre a ITCP/UNEB e as escolas de educação básica na região do Cabula e entorno.

### **O que é uma incubadora tecnológica de cooperativas populares?**

As Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCP) são entidades de apoio à formação de Empreendimentos Econômicos Solidários- EES, em geral ligadas a universidades e, organizadas de forma interdisciplinar. Segundo Singer (2010) a ITCP é uma invenção brasileira no campo da economia solidária. Segundo Resende (2009) o processo de incubação realizado na ITCP é compreendido como instrumento de emancipação social, de superação do baixo grau de autonomia no acesso e uso de informação.

A primeira Incubadora Universitária de Cooperativas Populares (ITCP) foi criada por iniciativa da Coordenação dos Programas de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPE/UFRJ). A COPPE integra o Centro de Tecnologia da UFRJ. É composta de cinco campos de pesquisa e da Fundação Coordenação de Projetos, Pesquisa e Estudos Tecnológicos (COPPETEC) responsável por captar recursos financeiros para manutenção da COPPE.

A ITCP/ COPPE/UFRJ foi criada com objetivo de apoiar a Cooperativa de Trabalhadores Autônomos do Complexo de Manguinhos- COOTRAM, inspirada nos ideais do movimento de redemocratização nos anos 1980 no país, notadamente, no Movimento de Ação da Cidadania contra a Fome a Miséria e pela Vida e na criação do Comitê das Entidades Públicas no Combate à Fome e pela Vida, do qual participaram empresas, fundações, autarquias.

O programa de extensão universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares- ITCP surge no Brasil como uma alternativa de enfrentamento aos graves problemas econômicos e sociais vividos pela população brasileira “quando uma parte da extensão universitária diante de um contexto de altos índices de desemprego se volta para o mundo do trabalho” (Fraga, 2012, p. 73).

Simplificando, a autora explica que:

As ITCP são grupos de professores, professoras, estudantes, funcionários e funcionárias que atuam com grupos populares, organizados juridicamente em cooperativas, associações ou grupos informais, geralmente inseridos na Economia Solidária, com intuito de assessorá-los em suas atividades de produção, comercialização e de organização política. (FRAGA, 2012, p. 7).

A opção pelo cooperativismo popular é marcadamente uma forma de estimular a discussão na universidade das bases do cooperativismo autogestionário, experimentado no século XIX pelos Pioneiros de Rochdale, viabilizando a geração de emprego e renda para segmentos da sociedade excluídos do processo de trabalho:

O que diferencia as Cooperativas Populares de outras experiências de organização socioeconômica cooperativista é fundamentalmente a situação de exclusão vivenciada por seus associados, assim como a predominância de um modelo de gestão democrático e participativo voltado para o bem comum (GUIMARÃES, 2005, p. 1).

O movimento cooperativista no Brasil “não se constituiu numa tomada de posição da classe trabalhadora, sendo uma promoção das elites numa economia predominantemente agroexportadora” (OLIVEIRA, 1998, p. 125). A respeito da natureza do movimento cooperativista no Brasil, encontramos:

O surgimento das primeiras cooperativas esteve diretamente relacionado com a visão tradicional do país, enquanto um dos grandes celeiros da produção agrícola mundial, tendo o Estado brasileiro enquanto fomentador desta política. E, mais grave ainda, a partir das políticas neoliberais do início dos anos 1980, o cooperativismo passa a ser utilizado pelas empresas, no sentido da precarização das relações de trabalho. É deste período o aumento significativo das cooperativas de trabalho, cujo único intuito era possibilitar a terceirização, um dos pilares do neoliberalismo (RIBEIRO; NOGUEIRA; GUIMARÃES, 2013, p. 29).

A ITCP tem como princípios norteadores do trabalho a autogestão, a participação, o respeito e o reconhecimento da cultura, do saber e dos anseios das comunidades, o processo contínuo de educação e trabalho e a atenção ao meio ambiente. Para Culti (2006, p. 31) a autogestão é o “modo através do qual o trabalhador detém a posse dos meios de produção e o poder de decisão, organização e controle do processo produtivo, é operado com base na paridade de direitos e de decisões sobre o destino do excedente produzido”. A autora destaca ainda o papel das incubadoras universitárias na difusão de conhecimento pautados na autogestão como “espaços de aprendizagem e também de observação e reflexão sobre a economia solidária que ressurge” (CULTI, 2006, p. 41).

A aprendizagem da autogestão implica do indivíduo elevada auto estima, confiança em seus saberes e em sua capacidade de aprender pois destas condições depende o enfrentamento do contexto autoritário, hierárquico e preconceituoso em que os indivíduos estão inseridos. A vivência autogestionária demanda tempo e disposição para aprender e internalizar princípios, valores e conceitos que muitas das vezes estão na contra mão do veiculado no cotidiano. Essa experiência ambígua e contraditória afeta o modo de conhecer e de estabelecer relação com o conhecimento, ou como sabemos de Vygotsky (1994, p. 73) “o controle da natureza e o controle do comportamento estão mutuamente ligados, assim como a alteração provocada pelo homem sobre a natureza altera a própria natureza do homem”.

### **A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/UNEB)**

O desenvolvimento da iniciativa pioneira pelo COPPE/UFRJ de criar a ITCP refletiu em novas experiências de incubação de cooperativas populares por parte de universidades públicas e confessionais. Dentre as universidades a aderir ao programa de extensão universitária a Universidade do Estado da Bahia/UNEB foi pioneira com a criação da ITCP/UNEB. Suas ações foram iniciadas em 1998 apoiada com recursos da Fundação Banco do Brasil - FBB na organização de infra estrutura básica, equipamentos e mobiliário e a contrapartida da UNEB na disponibilização de equipe técnica e docente e espaço físico. O trabalho junto a grupos populares interessados na organização de cooperativas populares foi iniciado ainda em 1999.

A estruturação e implantação da incubadora se dá por meio de convênio de cooperação técnica entre a UNEB e as instituições COEP-BA, UFBA, SETRAS, SEBRAE, Banco do Nordeste, Banco do Brasil, Federação das Indústrias, Federação do Comércio, CUT, FABS, AEEC e Fetrabalho. Neste convênio a ITCP tem definida sua natureza como agente de processo educativo para a cooperação e a autogestão cuja finalidade é apoiar a formação e desenvolvimento de cooperativas populares.

Desde sua implantação, a ITCP/UNEB desenvolveu quatorze projetos de incubação de cooperativas populares, a saber: Cooperativa Múltipla Fontes de Engomadeira (COOFE); Cooperativa de Artesãs e Costureiras do Bairro do Pau Miúdo (COOPAFRO); Cooperativa Múltipla União Popular dos Trabalhadores de Tancredo Neves (COOPERTANE); Cooperativa de Mulheres Construindo uma Realidade Diferente (COOPERCORTE); Cooperativa Múltipla das Trabalhadoras de Cajazeiras (COOPECAJ); Cooperativa de Produção dos jovens da Região do Sisal (COOPERJOVENS); Cooperativa Popular Sabor do Buri (COOPERBURI); Cooperativa de Produção Metalúrgica (COOPERFORJA); Cooperativa dos Trabalhadores em Reciclagem de Resíduos Sólidos Renascer & Reciclar (COOP Renascer e Reciclar); Associação de Mulheres Artesãs de Cajazeiras (AMAC); Cooperativa dos Trabalhadores do Setor Energético do Estado da Bahia (COOPTEEBA); Cooperativa Múltipla dos Artesãos do Bairro de Cajazeiras, Castelo Branco e Adjacências (COOPERART); Associação de Costureiras e Costureiros de Camaçari (ASCOC) e Cooperativa de Trabalhadores Cegos (COOPERTRAC). Além de atuar no planejamento e execução de projetos como de Gestão Participativa da Pesca Artesanal na região do município de Xique-Xique; Projeto Estudos e Proposições para o Desenvolvimento de Sistemas de Economia Solidária no Território de Identidade do Vale do Jiquiriçá-BA e o projeto Turismo de Base Comunitária na Região do Cabula e Entorno: Processo de incubação de operadora de receptivos populares especializada em roteiros turísticos alternativos (TBC).

A atuação da ITCP/UNEB tem forte ligação com o bairro do Cabula, onde está edificado o campus da UNEB, em Salvador, embora sua atuação chegue a diferentes regiões do estado da Bahia. A região Administrativa do Cabula compreende os bairros: Cabula, Resgate, Pernambués, Saramandaia, Narandiba, Doron, Saboeiro e São Gonçalo, formando um grande conglomerado urbano, que teve seu crescimento impulsionado a partir da década de sessenta, pela expansão, na cidade, de avenidas de vale, acessos, ampliação do transporte urbano, instalação de instituições como a Universidade do Estado da Bahia, o Colégio Estadual

Governador Roberto Santos e o Hospital Geral Roberto Santos; serviços de telefonia, mercados e, principalmente, a construção de habitações populares.

O bairro, onde até a década de 1940 – 1950 existiam sítios e fazendas de produção frutífera e agrícola, assistiu a um rápido e desordenado crescimento urbano, transformando-se num bairro populoso, periférico, com graves problemas de infraestrutura urbana para atender a um contingente de população que no censo do IBGE de 2000 já registrava 47 mil habitantes.

De acordo com dados de pesquisa levantados por Araújo (2013) o bairro do Cabula no ano de 2013 contava com aproximadamente quarenta e seis estabelecimentos educacionais sendo vinte e cinco escolas particulares de educação básica; seis escolas de educação básica da rede estadual; cinco escolas de educação básica da rede municipal, três faculdades particulares e uma universidade pública estadual. As escolas de educação básica oferecem cursos regulares de educação infantil (rede municipal e particular) ensino fundamental (rede estadual, municipal e particular) e ensino médio (rede estadual) além das modalidades de educação profissional. Educação de Jovens e Adultos, profissionalizante para jovens e adultos (PROEJA). Diante deste quadro da oferta educacional no bairro do Cabula e entorno cabe-nos perguntar quais as possibilidades de relacionamento entre a ITCP/UNEB e a rede de educação básica existente na região?

### **Incubação de cooperativas populares: processo educativo**

A incubação de cooperativas populares para a ITCP/UNEB constitui-se numa ação educativa que visa a geração de trabalho e renda, a formação integral da mulher e do homem e o desenvolvimento socioeconômico sustentável ambiental e cultural e político. Para os membros da ITCP/UNEB o processo de incubação é entendido como:

Incubação é um processo educativo, o nome veio por causa das incubadoras de empresas, aí veio: por que não incubadoras de cooperativas populares? Ai o nome veio daí. Eu achava ruim porque da ideia de fragilidade. Vai incubar quem está fraco. Pra incubadora de empresa não, porque eles não se acham fracas, mas para o público que a gente trabalha, qual a ideia? O pintinho que está para nascer, é o neném que não pode viver. Mas é um processo educativo. Incubado no período que a gente incuba, mas a desincubação tem que estar desde o início porque o princípio norteador muito forte nosso, é a cidadania (Entrevista com membro da ITCP/UNEB P4, 2014).

A educação sempre foi uma preocupação básica na ITCP/UNEB como princípio do conhecimento e promoção da emancipação do indivíduo que muda a própria vida. Contudo, na pesquisa não identificamos no acervo da ITCP/UNEB uma proposta pedagógica formalizada, um documento

estruturado com o objetivo de sistematizar a ação educacional da incubadora. O processo de incubação como prática pedagógica pode ser reconhecido segundo a perspectiva descrita como **atos de currículo**:

Chamamos atos de currículo todas as atividades que se organizam e se envolvem visando uma determinada formação, operacionalizada via seleção, organização, formulação, implementação, institucionalização e avaliação de saberes, atividades, competências, mediadas pelos processos ensinar/aprender ou sua projeção (MACEDO, 2012, p. 38).

A prática educativa de incubação de cooperativas populares se constitui num campo de conhecimento organizado nos eixos de: auto reconhecimento, comunidade e sociedade, mundo do trabalho, cooperativismo e estruturação de empreendimento cooperativo e, em torno de um quadro teórico/prático que inclui apresentação dos conceitos: trabalho, capitalismo, cadeia produtiva, noções de contabilidade, legislação tributária, política, relações de poder e ética. Os conhecimentos específicos de escrita e leitura apesar de reconhecidamente necessários no contexto do trabalho cooperativo não figuram na organização da ação de incubação.

E foi o trabalho de incubação realizado junto aos cooperantes que apontou “a necessidade do desenvolvimento de uma tecnologia educacional inovadora no que diz respeito a ambiência e conteúdo de formação” principalmente na área de alfabetização e letramento, entendido como as práticas sociais de leitura e escrita realizadas pelos sujeitos, de maneira a atender a demanda dos cooperantes de se apropriarem “da escrita e da leitura, num contexto de trabalho cooperativo” (GUIMARÃES, VIANNA, NOGUEIRA, 2006, p. 27). A perspectiva da construção de uma tecnologia social no âmbito da alfabetização e letramento surgiu como uma possibilidade e alternativa a visão convencional na abordagem desta questão. Na visão da ITCP/UNEB o professor tem que ter uma visão diferente de “sala de aula” formal, educação como luta política, emancipadora e acesso a riqueza “conhecimento”.

Esta posição atravessa uma crítica aos editais que proliferam no contexto atual das políticas públicas ligadas a economia solidária. A ITCP/UNEB defende a educação diferenciada como a única coisa que permanece de longo prazo como aquisição para os sujeitos e, consideram transitório e parcial todo o resto (equipamentos) que passa sem oferecer alterações consistentes na vida desses sujeitos. Investir no letramento, na consciência política que vem com o letramento. Contudo, os editais e financiamentos não incluem ações estratégicas que atendam a esse direito. E foi exatamente a dificuldade de financiamento o fator limitante para que o desenvolvimento da tecnologia social no âmbito da alfabetização e letramento por parte da incubadora.

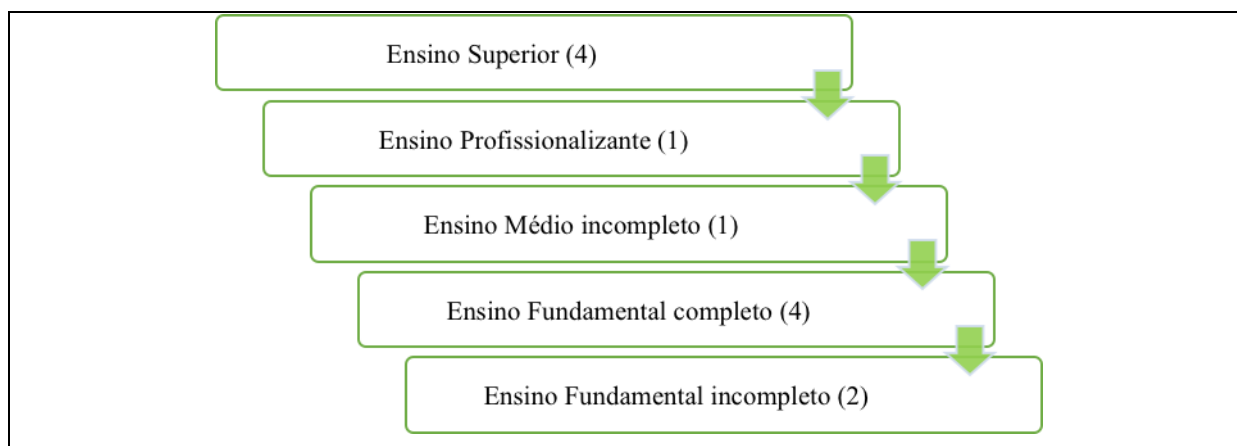
Na pesquisa que realizamos procuramos elaborar um quadro a respeito da trajetória escolar dos cooperantes e suas expectativas em relação a continuidade de estudos. Neste sentido perguntamos aos

cooperados mediante aplicação de questionários sobre a escolaridade formal, o perfil escolar, as razões para continuidade de estudos e os conhecimentos adquiridos na escola que ajudam no trabalho e os conhecimentos adquiridos no trabalho que ajudam na escola.

Na história escolar desses sujeitos encontramos: dois que frequentaram a escola na infância concluindo a educação básica, um frequentou a escola na infância e evadiu, um voltou a escola adulto e evadiu, dois voltaram a escola adultos concluindo educação básica e quatro deram continuidade aos estudos. Um dos respondentes interrompeu os estudos e outro não informou.

No grupo de doze cooperados que declaram a escolaridade formal no questionário de pesquisa encontramos:

Quadro 1 – Escolaridade formal dos cooperados sujeitos da pesquisa



Fonte: questionário B de pesquisa com cooperantes, 2014

Entre as razões citadas para continuar os estudos estão o trabalho na cooperativa para três respondentes, a família para dois respondentes, a possibilidade de emprego formal para dois respondentes, a realização pessoal para dois respondentes, um dos sujeitos indicou o trabalho na cooperativa e a realização pessoal como razões para continuidade dos estudos e três não responderam a questão.

Ao relacionar os conhecimentos aprendidos na escola que ajudam no trabalho e quais conhecimentos aprendidos no trabalho que ajudam na escola os cooperantes identificaram alguns de seus conhecimentos e dinâmicas:

Quadro 2- Conhecimento e aprendizagens identificadas pelos cooperantes



<b>Conhecimentos que aprendeu na escola que ajudam no trabalho</b>	<b>Conhecimentos que aprendeu no trabalho que ajudam na escola</b>
Aprendizado	Conhecimento
Administrativo e contábil	O contato com a comunidade, o conhecimento social e vivência da realidade dos diversos grupos
Curso de relações humanas	O trabalho em equipe
Ler e escrever	Organização da produção
Matemática	Processo no trabalho em grupo
Muitas coisas, principalmente análise de mundo	Respeito ao direito dos outros
O respeito entre colegas e o trabalho em grupo	Se dar bem com as pessoas
O saber ler e escrever, bem como a utilização das ferramentas técnicas operativas	Trabalhar em grupo
Relações humanas e sustentabilidade	

Fonte: questionário B de pesquisa com cooperantes, 2014

No conjunto das respostas é possível inferir que os cooperantes relacionam o aprendizado ao espaço escolar e o conhecimento ao mundo do trabalho. Ao espaço escolar estão ligados os conteúdos conceituais da leitura, escrita, as técnicas operativas da administração e contábeis. No mundo do trabalho figura a organização da produção como um saber fazer. Entre estes espaços transitam os valores e atitudes os conhecimentos atitudinais e procedimentais, o respeito ao direito do outro, as relações humanas. Figuram em diferentes referências o conhecimento intelectual e o conhecimento prático, fragmentado, partido, sem conexão.

Ao expor a ideia de que ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo Freire (2007) adverte que neutra ou indiferente a educação não é nem nunca será, a prática educativa exige tanto o ensino dos conteúdos quanto a lucidez em respeito à defesa dos direitos humanos e a compreensão de que como ação humana a educação é dialética e contraditória, que é tecida tanto pelo esforço da reprodução da ideologia dominante quanto pela coragem por seu desmascaramento. Para Freire (2001, p. 213) “a vocação humana é a de saber o mundo através da necessidade e do gosto de mudar o mundo [...] através da linguagem que fomos capazes de inventar socialmente [...] um saber que elucida, é um saber que desoculta [...]”.

Uma prática educativa direcionada a conteúdo específico sobre o mundo do trabalho não pode eximir-se de ensinar a leitura e a escrita. Assim como uma prática educativa de crianças, jovens e adultos não pode eximir-se de ensinar a ler e escrever a partir das práticas sociais cotidianas, do trabalho, do saber técnico, científico, místico, longe de uma presença no mundo.

A questão que colocamos sobre quais as possibilidades de relacionamento entre a ITCP/UNEB e a rede de educação básica existente na região do bairro do Cabula e entorno se apresenta pela via tanto dos conteúdos que são objeto de intervenção do processo de incubação de cooperativas populares, ou seja a autogestão, o cooperativismo, a cidadania, a economia solidária quanto pela via da metodologia de incubação experimentada nesses processos. A posição dialógica assumida pela equipe da incubadora é fortemente vinculada aos ideais da educação libertária de Paulo Freire:

Se na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fossemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a *falar com eles*. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala *com ele*, mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele (FREIRE, 2007, p.113).

O discurso presente no cotidiano escolar é de uma busca constante por um modelo de gestão participativo que valorize os saberes locais, os anseios e expectativas da comunidade. Na prática esse é um exercício que exige elementos dificilmente reconhecidos nos modelos de gestão centralizado e hierárquico das escolas. Potencializar o relacionamento entre a ITCP/UNEB e a rede de educação básica existente na região do bairro do Cabula e entorno mediante a troca de experiências e saberes entre essas pessoas pode abrir caminhos de interlocução na construção de um modelo de gestão colaborativo e cooperativo nas escolas.

Esse relacionamento pode também potencializar o processo de incubação de cooperativas populares na medida em que estabelece uma conexão entre os conhecimentos e aprendizagens da escolarização formal e aquelas do mundo do trabalho, aprimorando processos de alfabetização e letramento, favorecendo e estimulando a continuidade de estudos para patamares cada vez mais elevados, envolvendo professores e gestores escolares na discussão de temas da economia solidária e do cooperativismo na difusão de propostas de criação de melhores condições de trabalho e renda dos alunos e de suas famílias.

### **Considerações finais**

Confirmamos com a pesquisa que a atuação no processo de incubação de cooperativas populares é relevante na formação profissional e ampliação da escolaridade formal dos cooperados. A incubação de cooperativas populares influencia na formação profissional e de escolaridade formal dos cooperados desde a formação de laços solidários, a ampliação da

visão de mundo por parte desses sujeitos, na valorização de suas identidades, na afirmação e confiança sobre os próprios saberes e na capacidade de aprender.

A participação em processos de incubação de cooperativas populares influencia no retorno e permanência de estudos na escolaridade formal, na formulação de expectativas futuras e ampliação de novos horizontes pessoais e de atuação social. Influencia na escolha profissional na hora de optar por determinado curso superior como relatou uma cooperante sobre a opção pelo curso superior de Ciências Contábeis feita principalmente em função das dificuldades da cooperativa com as questões tributárias e contábeis. Dos 12 cooperantes que participaram da pesquisa 4 deram continuidade aos estudos em cursos do ensino superior e essa experiência aponta para novos horizontes pois esses sujeitos passam a transitar entre as comunidades cognitivas da qual já faziam parte na cooperativa e a comunidade cognitiva específica dentro de área de suas escolhas na acadêmica. Podem assim colaborar para que entre essas comunidades o diálogo se estabeleça de modo mais constante e fluido aproximando o conhecimento popular, científico e tecnológico existente nesses locais favorecendo que se torne efetivamente um bem público.

## Referências

ARAÚJO, Débora. A evolução do panorama educacional no âmbito do Cabula. In: SILVA, Francisca. **Turismo de Base Comunitária e Cooperativismo: articulando pesquisa e ensino no Cabula e entorno.** Salvador: EDUNEB, 2013.

CULTI, Nezilda. **O desafio do processo educativo na prática de incubação de empreendimentos econômicos solidários.** 2006. Tese. Doutorado em Educação. Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, São Paulo. 2006. Disponível em: <http://www.bdae.org.br/dspace/handle/123456789/349>

DAVID, Ana Celeste. Um olhar pedagógico sobre experiência da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares- ITCP/UNEB. In: SILVA, Francisca. **Turismo de Base Comunitária e Cooperativismo: articulando pesquisa e ensino no Cabula e entorno.** Salvador: EDUNEB, 2013.

FRAGA, Lais. **Extensão e transferência de conhecimento: as incubadoras tecnológicas de cooperativas populares.** 2012. Tese (Política Científica e Tecnológica) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas- SP, 2012. Disponível em: <http://www.fe.unicamp.br/gepedisc/monografias-teses.html> Acesso em: 27/04/201

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 2007.

..... **Extensão ou Comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

..... **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.

GUIMARÃES, Gonçalo. **Portal do Cooperativismo popular**: formação, informação e comunicação. 2005. Disponível em: <http://www.itcp.coppe.ufrj.br/pdf/PortaldodoCooperativismoPopularformacaoinformacaoecomunicacao.pdf> Acesso em: 10/11/2013

GUIMARÃES, Suely. VIANNA, Zuzélia. NOGUEIRA, Mauricio. **Tecnologias sociais na incubação de empreendimentos populares autogestionários**. 2006. Disponível em: <http://www.itcp.uneb.br/> Acesso em: 12/08/2012.

MACEDO, R. **Currículo, campo, conceito e pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2012.

OLIVEIRA, Lúcia Marisy. **Dois anos em um**: a realidade do cotidiano feminino. Salvador: Secretaria do Trabalho e Ação Social, 1998.

RESENDE, Laura. **Incubadoras Sociais: gestão da informação e do conhecimento na construção de tecnologia social**. 2009. Tese (Doutorado Ciência da Informação) – Universidade de Brasília. Brasília – DF, 2009.

RIBEIRO, Luciana. NOGUEIRA, Maurício. GUIMARÃES, Suely. Cooperativismo Popular e Economia Solidária, um Panorama da Experiência da ITCP/COAPPES/UNEB. In: SILVA, Francisca. **Turismo de Base Comunitária e Cooperativismo**: articulando pesquisa e ensino no Cabula e entorno. Salvador: EDUNEB, 2013.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2010.

ZIBAS, Dagmar. **Entrevista Pedagogia do oprimido trinta anos depois**. Fundação Carlos Chagas, Caderno de Pesquisa (São Paulo) n.88, p. 78-80, fev. 1994.